

## **DETERMINISMO E DESTINO EM A MÁQUINA DO MUNDO REPENSADA, DE HAROLDO DE CAMPOS**

*Rodrigo Octávio Cardoso<sup>a</sup>*

### RESUMO

Uma boa parte da crítica ao poema *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos, ignorou uma certa afiliação política implicada nas posturas científicas adotadas pelo poeta. Isto decorre também do paradigma moderno que separa, radicalmente e de forma dogmática, os discursos da poesia e da ciência. Procurarei esclarecer essa postura científica e refletir sobre o caráter poético de suas implicações.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Ciência; Determinismo.

Recebido em: 30/10/17

Aprovado em: 10/01/18

A cisão entre discurso poético e discurso sobre a verdade – ciência ou filosofia – é tão antiga na tradição discursiva europeia quanto esses próprios discursos sobre a verdade. Em um dos primeiros textos de Platão, Sócrates dialoga com o rapsodo Íon, utilizando-se de uma retórica fundamentada na ironia para demonstrar a impropriedade do discurso poético – o rapsodo sabe falar sobre as artes e as técnicas, sobre as diferentes profissões, mas ele mesmo não conhece realmente nada, nem sabe fazer nada bem. No livro

---

<sup>a</sup> Graduado em Física e Letras/Alemão pela UFF; Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Brasileira pela UFF; Doutorando em Teoria Literária na UNICAMP, com bolsa CAPES. [rodrigoabc Cardoso@gmail.com](mailto:rodrigoabc Cardoso@gmail.com).

décimo d'*A República*, o Sócrates de Platão demonstra o duplo desserviço da poesia e da ficção, das chamadas artes imitativas, para sua comunidade ideal: trata-se não só de uma técnica duplamente afastada da verdade ideal – criação de cópias de cópias das ideias – como de suas representações induzirem o medo, o choro e a desrazão nos homens, assemelhando-os assim, escreve o fundador da filosofia europeia, às mulheres, afastando-os do ideal platônico.

No mesmo livro, logo em seguida, encontramos talvez a primeira representação de uma máquina do mundo nesta tradição: Sócrates reproduz a narrativa-testemunho do armênio Er, que recebeu dos deuses o dom de descer ao mundo dos mortos, testemunhar a premiação dos bons e a pena dos maus, o funcionamento dos círculos celestes, ligados ao fuso da necessidade, e voltar (PLATÃO, 2012). Er testemunha a fala das três Parcas, filhas da Necessidade, Láquesis, Cloto e Átropos, que falam pelo passado, pelo presente e pelo futuro, e a reencarnação das almas que, depois de terem visto tudo isso, devem escolher seu destino na próxima vida e seu caráter, não sem antes terem as memórias apagadas após, sedentas, beberem das águas do rio Lete. Esta alegoria que encerra *A República* funciona como um alerta contra a imoralidade dos tiranos e uma defesa da filosofia e da razão, que produziriam almas prudentes e virtuosas.

É curioso observar como esse texto fundamental da cisão entre discurso verdadeiro e discurso poético, unilateralmente determinada por aquele, se desenvolva por procedimentos tão eminentemente poéticos: dramatização dialógica, ironia e narrativa alegórica.

Após a recuperação dos clássicos no Renascimento europeu, a separação entre ciência e poesia orientou a disciplinarização dos discursos na modernidade. O discurso moderno se desenvolveu na forma de um suposto expurgo teórico de tudo o que era mitológico, especulativo, incerto, hipotético e irracional, dos discursos sobre a verdade, expurgo que fundou e constituiu a ciência moderna, a partir de Bacon e Descartes, e, simultaneamente, pela absorção de todas essas características exiladas, como antítese a essa forma instituída da verdade, no âmbito do discurso poético.

Mesmo com essa oposição, entretanto, houve ainda diversos poetas que aproximaram ciência e poesia em suas obras. Já na Roma Antiga se cultivava, entre seus gêneros poéticos, o da poesia didática, como as *Geórgicas* de Virgílio, a *Ars amatoria*, de Ovídio, e o *De Rerum Natura*, de Lucrécio, que discorre

sobre a teoria atomista de Epicuro, numa compilação de saber físico e discurso metafísico<sup>1</sup>. Apesar da cisão moderna entre os discursos, houve ainda, principalmente sob a influência e em meio à episteme do Esclarecimento, poemas nos séculos XVII e XVIII que se dedicavam a temas científicos.<sup>2</sup> Não se pode esquecer, ainda, dos poetas que eram também cientistas, como Goethe e Novalis, Augusto dos Anjos, um engenheiro com agudo interesse por problemas científicos, ou ainda Jorge de Lima e Gottfried Benn, médicos.

A partir do final do século XVIII, no entanto, com a instituição, no Romantismo, daquilo que Jacques Rancière denomina regime estético da arte,<sup>3</sup> aprofunda-se o isolamento dos discursos artísticos, em conformidade também com a disciplinarização dos discursos que caracteriza a modernidade, e estabelece-se de uma noção forte de autonomia da arte. Agora não são mais apenas os discursos científicos e filosóficos que rejeitam a poesia, por um suposto irracionalismo e descompromisso com a verdade, mas também a arte e a poesia passam a rejeitar aqueles discursos, afirmando sua autonomia, sua heterogeneidade em relação aos saberes de cunho identitário e objetivo. Podemos encontrar uma manifestação dessa cisão no jovem Nietzsche de *O nascimento da tragédia*, imerso no paradigma moderno, mas já vislumbrando as condições de sua clausura, quando se interroga se a “arte não é até um correlativo necessário e um complemento da ciência”. Ele escreve:

Se com efeito o artista, a cada desvelamento da verdade, permanece sempre preso, com olhares extáticos, tão somente ao que agora, após a revelação, permanece velado, o homem teórico se compraz e se satisfaz com o véu desprendido e tem o seu mais alto alvo de prazer no processo de um desvelamento cada vez mais feliz, conseguido por força própria. (NIETZSCHE, 2007, p. 90)

---

<sup>1</sup> TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2014.

<sup>2</sup> RICHTER, Karl. *Literatur und Naturwissenschaft*. Discutindo a poesia didática de Albrecht von Haller, os hinos sobre Copérnico de Klopstock e a influência geral das teorias Newtonianas, Richter escreve: “o Esclarecimento produziu uma das maiores transformações que a história da nossa [dele: alemã, europeia] literatura conheceu. É difícil superestimar aí o significado da nova configuração da natureza” (p. 31, minha tradução)

<sup>3</sup> RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 32ss.

e, mais a frente, “Essa sublime ilusão metafísica [a causalidade absoluta] é aditada como instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem de transmutar-se em *arte*, que é o *objetivo propriamente visado por esse mecanismo*.” (NIETZSCHE, 2007, p. 91)

Desse modo, ao nos voltarmos para um poema como *A máquina do mundo repensada* de Haroldo de Campos, é importante ter em mente que o texto se situa em um projeto histórico-estético mais amplo do poeta, que coloca em questão essa cisão discursiva em sua abordagem da poesia, apropriando-se de formas, temas, imagens e questões científicas ao longo de sua trajetória como poeta e como teórico da poesia.

Se a ciência adentra o poema, ela o faz, no início do século XXI, já, de certo modo, mitificada, parte de uma realidade social complexa da qual não pode ser abstraída. Vale aqui citar um trecho do *Manifesto Concretista*, de Augusto de Campos:

- o poeta concreto vê a palavra em si mesma – campo magnético de possibilidades – como um objeto dinâmico, uma célula viva, um organismo completo, com propriedades psicofísicoquímicas tacto antenas circulação coração: viva.

- longe de procurar evadir-se da realidade ou iludí-la, pretende a poesia concreta, contra a introspecção autodebilitante e contra o realismo simplista e simplório, situar-se de frente para as coisas, aberta, em posição de realismo absoluto. (CAMPOS, A. de, 1975, p. 44)

Se a ciência é, no final do século XX, parte inalienável da realidade, imbricada nela como forma hegemônica de sua compreensão, ela também penetra a própria compreensão de linguagem (psicofísicoquímica) do poeta concreto. E se, por sua abordagem da linguagem, Haroldo se aproxima da ciência, e nessa aproximação ele também realiza uma inversão da relação entre os dois modos discursivos pela *forma* com que aborda a ciência que, como irei argumentar, não se faz de forma ingênua, acrítica, afirmando-a uniformemente, como parece propor boa parte da fortuna crítica do

poema,<sup>4</sup> mas assume aí uma certa postura estética e política. O “realismo absoluto” da poesia concreta não pode deixar de considerar a força e a influência que as descobertas e teorias científicas têm na linguagem, como entidade inteiramente socio-histórica, como também a influência e a penetração que a linguagem poética pode vir a ter, por seu lado, na ciência.

*A máquina do mundo repensada* é um poema longo, dividido em três partes, e baseado, como afirma uma nota com referências poéticas e teórico-científicas anexa ao poema, em três textos poéticos: *A Divina Comédia* de Dante, *Os Lusíadas*, particularmente o canto X, de Camões, e o poema “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. Ele é composto na forma da *terza* rima dantesca, estrofes de 3 versos de 12 sílabas (não estritamente respeitadas) cada, rimadas em ABA BCB CDC e assim por diante, cada estrofe carregando uma rima da anterior. Na primeira parte, entremeiam-se e explicam-se as referências aos outros três poemas, anunciando e justificando o tema da máquina do mundo. Na segunda parte, o texto faz uma espécie de revisão da história da física moderna, focada principalmente nos debates e polêmicas em torno da questão do determinismo, o que, como pretendemos demonstrar, é fundamental para podermos interpretar o poema em sua relação com Drummond. Na terceira parte, que discutiremos um pouco mais adiante, entremeiam-se divagações sobre a teoria do *Big Bang*, sua validade ou irrelevância com memórias e questionamentos pessoais e subjetivos do poeta.

A forma da relação que Haroldo estabelece entre seu texto e os outros poemas pode fazer lembrar do *Conceito de crítica de arte do romantismo alemão*, examinado por Benjamin em sua tese de doutoramento. Para os românticos, a poesia, pelo caráter irônico de seu discurso sobre a realidade, consistia em uma reflexão de grau superior sobre esta – uma reflexão da reflexão – em uma estrutura simetricamente antitética àquela de Platão (cópia da cópia). Sendo o conhecimento de um objeto uma forma de sua autorreflexão e a arte constituindo-se como *medium* de reflexão. Dessa forma, para não reduzir a

---

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, os dois primeiros textos críticos a respeito, de Alcir Pécora e Paulo Franchetti, disponíveis, respectivamente em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2409200009.htm> (consultado em 6/6/2017) e <http://paulofranchetti.blogspot.com.br/2013/10/haroldo-de-campos-maquina-do-mundo.html> (consultado em 6/6/2017).

potência reflexiva do poema, a crítica deveria, ela mesma, tornar-se uma reflexão de segundo grau. Benjamin afirma, citando Novalis:

Está claro: para os românticos, a crítica é muito menos o julgamento de uma obra do que o método de seu acabamento. Neste sentido, eles fomentaram a crítica poética, superaram a diferença entre crítica e poesia e afirmaram: 'A poesia só pode ser criticada pela poesia. Um juízo de arte que não é ao mesmo tempo uma obra de arte, [...] como exposição de uma impressão necessária em seu devir, [...] não possui nenhum direito de cidadania no reino da arte'. (BENJAMIN, 2002, p. 75)

Assim, parece válido pensar que o poema de Haroldo de Campos seria ligado a essa tradição, uma forma de crítica poética, interpretação e pastiche dos poemas nele relacionados. Essa atribuição romântica torna-se ainda mais significativa se levarmos em conta que eles (apesar de serem colocados por Rancière, entre outros teóricos e historiadores da arte, na origem do paradigma da autonomia) buscavam não pensar a poesia como algo radicalmente avesso à ciência, mas antes como discursos aparentados, reflexivos, em uma relação dialética e histórica de constante renovação, dentro de sua noção de poesia progressiva universal. Como escreve Friedrich Schlegel:

A poesia romântica é uma poesia universal progressiva. Sua determinação não é apenas a de reunificar todos os gêneros separados da poesia e estabelecer um contato da poesia com a filosofia e a retórica. Ela também quer, e deve fundir às vezes, às vezes misturar, poesia e prosa, genialidade e crítica, poesia artística e poesia natural, tornar a poesia sociável e viva, fazer poéticas a vida e a sociedade, poetizar a espirotuosidade, preencher e saturar as formas da arte com toda espécie de cultura maciça, animando-as com as vibrações do humor. (SCHLEGEL, p. 99, A116)

Proponho, desse modo, ler *A Máquina do mundo repensada* como uma obra crítica que pretende conectar alegoricamente três perspectivas de totalização do conhecimento sobre o mundo, unificadas e decifradas pela atitude crítica de recusa do poema drummondiano.

Assim, Dante, deparando-se com as três feras em seu caminho “4.1. barrando-me: hýbris-leoa e o variopinto/2. animal de gaiato pêlo e a escura/3. loba – um era lascívia e a outra (tinto//5.1. de sangue o olho) cupidez impura:”, é conduzido, por contingência e acaso, desvio no meio do caminho de sua vida, a conhecer a ordem cosmológica de seu mundo, inferno, purgatório e céu, onde se desvelarão as relações profundas entre o destino das almas e suas formas de vida na terra. Ao Vasco da Gama de Camões, após seus feitos inauditos de bravura e superação do que parecia impossível, “12.3. se abrirea (e a mim quem dera!) por remota//13.1. mão comandada – um dom saído do fundo/2. e alto saber que aos seres todos rege/3. a esfera a rodar no éter do ultramundo//18.1 ao capitâneo arrojo em prêmio aberta” – a máquina do mundo ptolomaica, a sequência de esferas concêntricas em torno da terra, determinando em seu movimento a história e o destino dos homens.

Haroldo de Campos, por sua vez, mergulha na ciência paradigmática da modernidade, a física, promessa de revelação total da ordem do mundo, das leis que regem o universo em uma busca por uma teoria do tudo.

- 41.1. já eu quisera no límen do milênio
2. número três testar noutro sistema
3. minha agnose firmado no convênio
- 42.1. que a nova cosmofísica por tema
2. estatuiu: a explosão primeva o *big-*
3. *-bang* – quiçá desenigme-se o dilema!

O poeta passa a seguir então o percurso de alguns marcos históricos da física: o heliocentrismo de Copérnico, a unificação das mecânicas terrestre e celeste por Newton, a curvatura do espaço-tempo descrita pela teoria da gravitação de Einstein, o determinismo absoluto do demônio de Laplace, algumas vezes mencionado. Esta referência, particularmente, me parece ter uma importância central para o esclarecimento do tema abordado no poema. Em

uma afirmação bastante célebre, Laplace define a tese forte do determinismo (traduzo de uma versão inglesa):

Dado por um momento uma inteligência que pudesse compreender todas as forças que animam a natureza e a situação respectiva dos seres que a compõem – uma inteligência vasta o suficiente para submeter todas essas informações à análise – ela faria embarcar na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e aqueles do átomo mais leve; para ela nada seria incerto e o futuro, bem como o passado, estariam presentes diante de seus olhos. A mente humana oferece, na perfeição que foi capaz de dar à astronomia, uma frágil ideia dessa inteligência. (LAPLACE, 1816)

Tendo em vista essa citação e seguindo o percurso da segunda parte do poema, que termina com a descrença de Einstein em relação à física quântica “79.1.advertindo quando ela se insurgiu/2. contra o sumo fator – pois a espinoza/3. o último einstein se inclina – divergiu”, percebe-se delinear um argumento aí, que se tornará mais claro na terceira parte. Este argumento não se enquadra simplesmente em uma aceitação da física e da cosmologia modernas como promessas de revelação de uma máquina do mundo. Trata-se da teodicéia do problema do determinismo e de seu fracasso. Ele não marca apenas um momento no progresso da racionalidade científica, mas também, e antes, uma tomada de posição em relação a uma opinião comum dentro dessa racionalidade. Para esclarecer essa posição, recorro a Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, em um dos livros mencionados por Haroldo de Campos nas referências “para o tema cosmológico” que acompanham o poema, *The end of certainty*:

Na verdade, nós devemos aos gregos antigos dois ideais que desde então formaram a história humana. O primeiro é a inteligibilidade da natureza, ou, nas palavras de Whitehead, “a tentativa de organizar um sistema lógico, necessário e coerente de ideias gerais, em termos das quais cada elemento da nossa experiência pode ser interpretado”. O segundo é a ideia de



democracia baseada na crença na liberdade, criatividade e responsabilidade humana. Enquanto a ciência conduzia à descrição da natureza como um autômato, esses dois ideais eram contraditórios. É essa contradição que nós começamos a superar. (PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 17 – minha tradução)<sup>5</sup>

Alguns dos primeiros críticos de *A máquina do mundo repensada* supõem que o diálogo aí se faz com o discurso de uma ciência, a física, tomada como bloco monolítico e homogêneo de discurso, e não com um certo discurso dessa ciência. De fato, há algo como uma máscara hipócrita, arma de guerra das ciências duras, que se estende paradoxalmente mesmo para as áreas mais especulativas do campo científico, de que aquele discurso, submetido a escrutínios metodicamente acordes a critérios fundamentalmente consuetudinários de rigor por seus avaliadores primeiros e eventuais leitores posteriores, estará de algum modo livre da *doxa*, da mera opinião, e seria portanto objetivo, universal. É evidente que, acompanhando-se as publicações científicas num periódico acadêmico, não se deixará de perceber que em qualquer campo especializado, definido por certas pressuposições que enformam aquele discurso, haverá divergências, revisões críticas, demonstrações de improcedência, desavenças e polêmicas, das quais nem mesmo aquelas pressuposições definidoras poderão escapar, por uma regra própria, nesse ponto bastante paradoxal, e não necessariamente posta em prática, de que a verdade *objetiva* tomaria forma em alguma *ágora*, clareira ou assembleia, emergindo como coro unitário, palavra de ordem, cântico ou canção *única* duradoura, de alguma forma harmoniosa ou melódica, do círculo daqueles críticos contemporâneos que têm acesso ao lugar de fala designado pela imagem que aquele campo discursivo desenha frente a outros campos discursivos atuais, tendo esse canto como trilha sonora ou legenda.

---

<sup>5</sup> Trecho original: “*In fact, we owe to the ancient Greek two ideals that have since shaped human history. The first is the intelligibility of nature, or in Whitehead’s words, ‘the attempt to frame a coherent, logical, necessary system of general ideas in terms of which every element of our experience can be interpreted.’ The second is the idea of democracy based on the assumption of human freedom, creativity, and responsibility. As long as science led to the description of nature as an automaton, these two ideals were contradictory. It is this contradiction that we are beginning to overcome*”

E, no entanto, como revela a citação de Prigogine e Stengers, percebe-se que há divergências duradouras no campo das ciências ditas “duras”, e essas divergências não têm apenas um papel meramente formal ou epistemológico, mas assumem também um caráter político, legitimando certas visões de mundo e certos discursos políticos sobre responsabilidade e liberdade, direito e autoridade. O que o livro de Prigogine e Stengers procura demonstrar, por uma exposição relativamente simplificada das teorias por ele desenvolvidas, é que o tempo, ao contrário do que defendem muitos físicos (como Stephen Hawking, por exemplo), não é uma ilusão da consciência humana e um mero artifício na descrição das leis da natureza, contrariamente à nossa intuição e percepção comum, mas é parte integrante delas. Essa afirmação acaba por ter um grande impacto no quadro maior da ciência, porque termina por invalidar a perspectiva determinista, explicitada na citação de Laplace, e a promessa de uma teoria do tudo, que resumisse em si toda a história do universo e, conseqüentemente, submetesse o destino humano a uma mera realização de ações predeterminadas, conforme o argumento naturalista na literatura, ou a metáfora einsteiniana da consciência da lua, mencionada pelo poema de Campos, em relação com sua interpretação do determinismo e da consciência epifenomênica de Espinoza:

### 72.3 no princípio-incerteza vê a ilusão

#### 73.1 do livre arbítrio do homem e levanta

2. a hipótese da lua: se dotada
3. de autoconsciência fosse a trívica diana

#### 74.1. lunescendo a cumprir a eterna estrada

2. seu circum-térreo curso estaria crente
3. de se mover por força própria guiada

Assim, se Campos se aproxima da física e procura meditar sobre o mistério do *Big Bang*, não é apenas para legitimar esse discurso e sua autoridade em descrever a realidade objetiva através dos grandes descobrimentos de sua história, é antes para colocá-lo em questão, descobrindo nele mesmo as condições para sua fissura e desconstrução.

Isso nos leva a repensar o papel que os textos criticamente relacionados no poema assumem em sua abordagem do problema da máquina do mundo. Ora, é já no fim da Idade Média e no período da decadência de sua visão de mundo que Dante escreve a *Divina Comédia*, também Camões, no meio do Renascimento e das grandes navegações, descreve a máquina do mundo ptolomaica que já vive seu esgotamento como explicação da ordem do mundo, uma vez que esse mundo se apresenta renovado, no horizonte dos mares a navegar e terras a explorar e o próprio modelo ptolomaico já se encontrava em plena decadência depois da publicação das teses heliocêntricas de Copérnico em 1543, cerca de vinte anos antes da conclusão de *Os Lusíadas*.

Não só isso, ao final de seu trajeto e testemunho, o que Dante encontra, na tradução de Haroldo de Campos, conforme interpreta Gustavo Scudeller (2009, p. 116), na “trina-e-una visão que resplendia” (119.3) é sua própria face de poeta. De fato, lemos também em *A máquina do mundo repensada*:

- 36.1. – e todos: camões dante e palmilhando
2. seu pedroso caminho o itabirano
3. viram no ROSTO o nosso se estampando

E continua, revelando o lugar privilegiado que o texto de Drummond deve ter na leitura e interpretação deste poema, que procuraremos então esclarecer:

- 37.1. minto: menos drummond que ao desengano
2. de repintar a neutra face agora
3. com crenças dessepultas do imo arcano

- 38.1 desapeteceu: ciente estando embora
2. que dante no regiro do íris no íris
3. viu – alcançando o topo e soada a hora –

- 39.1. na suprema figura subsumir-se
2. a sua (e no estupor se translumina)
3. – e que camões um rosto a reptir-se

- 40.1. o mesmo em toda parte viu (consigna) –
2. drummond minas pesando não cedeu
3. e o ciclo ptolomaico assim termina...

E, da mesma forma, Vasco da Gama, aproximando-se de um conhecimento epifânico e total, aléfico, como escreve Campos, da realidade e da ordem do mundo, depara-se finalmente com a impossibilidade desse conhecimento:

120.3 não desdenhou o nauta dessa graça

- 121.1 e seguiu deleitoso a descobrir
2. o que não pode ver a vã ciência
3. dos íferos mortais: por um zefir

- 122.1. pôs-se a descortinar na transparência
2. o ptolomaico engenho de onze esferas
3. que na terra tem centro e pertinência

- 123.1. – quem rodeia este centro e o circunfera
2. é deus mas o que é deus ninguém entende:
3. a fé inspira o bardo e ele assevera

124.1.                   que a tanto a mente do homem não se estende

Se seguimos, percebemos mais uma vez de que forma o poema de Drummond se torna aqui uma chave de leitura para as três alegorias da máquina do mundo – cosmologia cristã de Dante, ptolomaica de Camões e a da física moderna em Haroldo:

- 124.2 enquanto ao gama essa lição ensina
3. da fé que ao arco tênsil curva e tende

- 125.1 gratificado o capitão fascina-se
2. – o peregrino dante e o almirante

3. extasiados à luz que os ilumina

126.1 se deixam levar de ânimo radiante:

2. só o itabirano recalcitra e embora
3. sabendo o que perdia segue adiante

A questão que se coloca no “A máquina do mundo” de Drummond é a da própria explicação da vida, da existência como um todo, destino universal e pessoal que esclarece os rumos e as escolhas do sujeito, o próprio sentido da vida: “essa total explicação da vida, /esse nexo primeiro e singular,/que nem concebes mais, pois tão esquivo//se revelou ante a pesquisa ardente/em que te consumiste... vê, contempla”. (DRUMMOND, 2002, p. 302)

Ora, o que o conhecimento da ordem do mundo, de “tudo o que define o ser terrestre” promete, afinal, para o sujeito, é a própria revelação de seu destino pessoal. É o oráculo que permitiria conduzir uma vida com um certo conhecimento de causa. A lição que Drummond guarda, e que conduziria sua atitude nesse poema, é talvez aquela do destino trágico que encontramos já em Sófocles, a da inutilidade trágica do oráculo que assistimos em *Édipo Rei*. Ao saber de seu destino terrível, Édipo foge para outras terras, para longe do pai e da mãe que não quer desonrar, mas o faz apenas para assim, inadvertidamente, ir justamente de encontro ao destino do qual queria fugir. O drama de Sófocles nos coloca diante de um dilema: ou a inescapabilidade do destino é uma determinação vingativa da justiça dos deuses, e o oráculo é uma maldição inescapável, ou se trata apenas de um conhecimento superior da realidade e de futuro a que estamos presos por um ordenamento rígido entre causa e efeito no universo.

Em “Destino e Caráter”, Walter Benjamin afirma que a noção de destino, relacionada com a percepção de um nexos causal fundamentado na culpa, está necessariamente ligada a um fim infeliz: “Desse modo, felicidade e bem-aventurança, assim como a inocência, conduzem para fora da esfera do destino” (2013, p. 93). Mas, na tragédia, apresenta-se uma possibilidade de superação desse destino, que, no caso de Édipo, se manifestaria porventura já em *Édipo Rei*, com a decisão de Édipo de furar os próprios olhos (demonstrando a inutilidade trágica do conhecimento do destino) e no prosseguimento de sua jornada em *Édipo em Colono* e *Antígona*. Benjamin escreve:

na tragédia o destino demoníaco é interrompido. Não porque o encadeamento de culpa e expiação, que para o homem pagão é interminável, seja dissolvido pela purificação do homem penitente e sua reconciliação com o puro deus – mas porque, na tragédia, o homem pagão se dá conta de que é melhor que seus deuses. Este conhecimento, porém, abala a sua relação com a linguagem, esta permanece abafada. Sem se declarar, ela busca em segredo reunir sua força. Não coloca culpa e expiação bem delimitadas nos pratos da balança, mas as chacoalha e mistura. Não se trata aqui de dizer que a “ordenação ética do mundo” será novamente restaurada, mas que, no estremecimento deste mundo doloroso, o homem moral, ainda mudo, na minoridade – como tal, ele é chamado de “herói” – quer se pôr de pé. O paradoxo do nascimento do gênio na ausência de linguagem moral, na infantilidade moral, é o sublime da tragédia. Este é, provavelmente, o fundamento do sublime em geral, no qual é muito mais o gênio que se manifesta do que Deus. (BENJAMIN, 2013, p. 94)

A intromissão dessa reflexão benjaminiana sobre o destino trágico pode talvez revelar sua pertinência na presente análise pelo cotejo desse trecho com alguns versos do poema de Drummond, ao entrever a máquina do mundo:

e a memória dos deuses, e o solene/sentimento de morte,  
que floresce/no caule da existência mais gloriosa,//tudo se  
apresentou nesse relance/e me chamou para o seu reino  
augusto,/afinal submetido à vista humana.//Mas como eu  
relutasse em responder/a tal apelo assim maravilhoso,/pois a  
fé se abrandara, e mesmo o anseio,//a esperança mais mínima  
– esse anelo/de ver desvanecida a treva espessa/que entre os  
raios do sol inda se filtra;//como defuntas crenças convocadas/  
presto e fremente não se produzissem/a de novo tingir a neutra  
face/(...) antes despiciendo,//baixei os olhos, incurioso, lasso,/  
desdenhando colher a coisa oferta/que se abria gratuita a meu

engenho.// A treva mais estrita já pousara/ sobre a estrada de Minas pedregosa,/e a máquina do mundo, repelida,//se foi miudamente recompondo,/enquanto eu, avaliando o que perdera,/seguiu vagaroso, de mãos pensas. (DRUMMOND, 2002, p. 303)

O poeta recusa o conhecimento do destino, que só poderia ser trágico, “solene sentimento da morte”, dom tardio de uma esfera elevada, mas que, conforme a lição de Édipo, não pode prevenir na terra o destino, conectando-se, em sua lógica superior, a um nexos inevitável de culpa e punição. O poeta aferra-se ao baixo plano terrestre, tendo entretanto, nesse embate com o oráculo, abalado sua relação com a linguagem que guarda em si a forma do mito, o nexos causal de culpa e expiação, o destino trágico. “Sem se declarar, ela busca em segredo reunir sua força.” “se foi miudamente recompondo”, mas o poeta “ainda mudo, na minoridade”, “avaliando o que perdera/seguiu vagaroso, de mãos pensas.” “O paradoxo do nascimento do gênio na ausência de linguagem moral é [...] o fundamento do sublime em geral, no qual é muito mais o gênio que se manifesta do que Deus” (2013, p. 94).

Assim, tendo em vista o papel do poema drummondiano como chave de leitura para as outras três alegorias no poema de Haroldo de Campos, compreensão prévia da inutilidade da máquina do mundo, abre-se uma outra leitura de *A máquina do mundo repensada*.

O sujeito poético de Haroldo de Campos, à semelhança de Dante e do Gama de Camões, e diferentemente de Drummond, não é capaz de evitar perseguir a reflexão trágica da máquina do mundo “105.1 ... – sina-/2. sentença minha sendo o perseguir/3. a reflexão sem cura – dom? estigma?//106.1. – que me faz questionar e perquirir/2. o pelo no ovo o chifre na cabeça/3. do cavalo...”

E persegue assim, dentro do paradigma no qual está imerso, a ciência moderna como guardiã e promessa da verdade total, ideia cristalizada na imagem do *Big Bang*, a revelação de um sentido último para sua vida, aplacamento de suas dúvidas e incertezas. Mas depara-se, pela própria via da física – de uma certa perspectiva dentro da física –, com a insuficiência dessa via como possibilidade de conhecimento total, negação de um determinismo que abra para a consciência um conhecimento do futuro. Para essa conclusão converge também

a reflexão sobre o acaso em Mallarmé, que aparece repetidas vezes no poema.<sup>6</sup> Assim, ciência e poesia se reúnem no momento do reconhecimento agnóstico da existência como um fato simples, sem explicação simples, pura contingência entre fato e discurso, na clausura do paradigma moderno da separação<sup>7</sup> e da causalidade necessária (herdeira de uma noção escolástica de providência divina).

110.2. à moira ambígua um tropo afaga: o oxímoro

3. concordia discors não-e-sim contendo –

111.1. o meu rumo desruma: evento singular?

2. (as leis da física ali não se aplicam)

3. reconcentrado no seu imo efêmero

...

115.2– vou seguindo perplexo a minha senda

3. que de reolho o nada me escrutina...

As grandes visões dantescas e camonianas se revelam igualmente insuficientes, e a questão que se queria colocar, ela mesma, também, perde o seu sentido, sua voz, não se pode dizer.

144.3aquém-do-início as duas estatelam-se

145.1. retidas no ar bordando o precipício

2. da dúvida que nem sequer a dúbia

3. pergunta sabe pôr como exercício

146.1. do perguntar – tudo se turva!

---

<sup>6</sup> “*A máquina do mundo repensada* postula, a partir de sua leitura do *Un Coup de Dés*, a derrição do anseio de absoluto da metafísica ocidental, flagrado no interior do debate científico moderno” (SCUDELLER, 2009, p. 19) Aproveito a nota para dar os créditos à dissertação de Gustavo Scudeller que foi de grande ajuda na compreensão do poema e na interpretação de algumas de suas passagens mais obscuras.

<sup>7</sup> Separação entre as disciplinas e discursos, entre ciência e poesia, mas também entre homem e natureza, como defende Bruno Latour em *Jamais fomos modernos*.



O poeta encontra-se por fim, depois de percorrer nas possibilidades do seu saber contemporâneo a imagem da máquina do mundo, de volta ao momento inicial de sua dúvida, de sua ignorância, mas agora um pouco mais consciente do caráter aberto e indeterminado do futuro, que não pode ser esclarecido pela visão de um nexo fundamental e original, mas que deve a cada passo ser descortinado e enfrentado, sem conselho prévio ou lei determinada.

150.3sigo o caminho? busco-me na busca?

151.1. finjo uma hipótese entre o não e o sim?

2. remiro-me no espelho do perplexo?
3. recolho-me por dentro? vou de mim

152.1para fora de mim tateando o nexo?

2. observo o paradoxo do outrossim
3. e do outronão discuto o anjo e o sexo?

143.1. O nexo o nexo o nexo o nexo o nex

Por fim, também em *Finismundo*, de 1990, Haroldo de Campos busca lidar com o embate com o destino, desafio e promessa de superação, mas, por isso também, *húbris* do poeta, confundindo-se com o próprio projeto de vanguarda empreendido ao longo de sua vida (“Tentar o não tentado/expatriado esconjuro aos deuses-lares/ (...)/ Destino: o desatino/o não mapeado”). O fim do poema, entretanto, revela uma decepção com o desencantamento da vida moderna e a impotência do poeta para reencantá-la, recuperando a força do mito e a temporalidade heroica (“Périplo? Não há. Viajam-te os semáforos./Teu fogo prometeico se resume/à cabeça de um fósforo/(...)/ Capitula/ (cabeça fria)/tua húbris. Nem sinal/de sereias/(...) Um postal do Éden/ com isso te contentas.// Açuladas sirenes/cortam teu coração cotidiano.). Esse conhecimento desencantado gera uma atitude de reclusão e afastamento do mundo, observável em *Finismundo*, e também, mais evidentemente, em “Meninos eu vi”, de 1991: “mas vi tudo isso/tudo isso e mais aquilo/e tenho

agora direito a uma certa ciência/e a uma certa impaciência/por isso não me mandem manuscritos datiloscritos teletscritos/porque sei que a filosofia não é para os jovens”. Desejo de reclusão e busca da ciência que parece se reverter, entretanto, no momento epifânico de recordação após a saída do túmulo inca, em *A máquina do mundo repensada* (2001), e da revelação da mundanidade da vida, inexplicável e sem soluções por fórmulas transcendentais de algum conhecimento superior, que requer apenas uma abertura para ser vivida em cada um de seus momentos. Revelação algo tardia, na última publicação do poeta antes de sua morte em 2003.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* (trad. Márcio Seligmann-Silva). 3. ed. São Paulo, SP: Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. Destino e Caráter. (trad. Ernani Chaves). In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas cidades, 2013.

CAMPOS, Augusto de. Poesia concreta. In: *Têoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. Coautoria de Décio Pignatari, Haroldo de Campos. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1975.

CAMPOS, Haroldo de. *Os melhores poemas de Haroldo de Campos*. Coautoria de Ines Oseki Depre. São Paulo, SP: Global, c1992 .

\_\_\_\_\_. *A máquina do mundo repensada*. Cotia, SP: Ateliê, c2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

FRANCHETTI, Paulo. “Funções e desfunções da máquina do mundo”. <http://paulofranchetti.blogspot.com.br/2013/10/haroldo-de-campos-maquina-do-mundo.html> , 06/06/2017

LAPLACE, Pierre. *Philosophical essay on probabilities*, ch. 2., 1816.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. (trad. J. Guinsburg). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PÉCORA, Alcir. “O Big Bang místico”. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2409200009.htm> , 06/06/2017

PLATÃO. *A República*. Brasília: Kiron, 2012.

\_\_\_\_\_. *Íon*: (Sobre a inspiração poética); *Hípias Menor*: (Sobre a mentira). Tradução de André Malta. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2007.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *The end of certainty: time, chaos and the new laws of nature*. Nova York: The Free Press, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RICHTER, Karl. *Literatur und Naturwissenschaft: eine Studie zur Lyrik der Aufklärung*. Munchen: W. Fink, [c.1972].

SCHLEGEL, Friedrich von. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. São Paulo, SP: Iluminuras, 1994

SCUDELLER, Gustavo. *Alegorias da totalidade: as relações entre ciência e poesia em A máquina do mundo repensada, de Haroldo de Campos*. 179f. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: UNESP, 2009.

TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

## **DETERMINISM AND FATE IN *A MÁQUINA DO MUNDO REPENSADA*, BY HAROLDO DE CAMPOS**

### **ABSTRACT**

Most of the critics that commented the poem *A máquina do mundo repensada*, by Haroldo de Campos, ignored a certain political affiliation implied in the scientific stances taken by the poet. This is also a consequence of the modern paradigm which separates in a radical and dogmatic way, scientific and poetic discourses. I will attempt to clarify this scientific stance and reflect on the poetic character of its implications.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poetry; Science; Determinism.

